

CONTAGEM REGRESSIVA PARA A OFENSIVA RUSSA NA UCRÂNIA

Por M. K. Bhadrakumar*



Vyacheslav Ratynskyi/Reuters.

Na análise do ex-diplomata indiano, a contagem regressiva final para a ofensiva de verão da Rússia parece ter começado.

Um estudo realizado pela Harvard Business School sobre psicologia experimental relacionado com a tendência das pessoas para “atirar no mensageiro” revelou uma descoberta surpreendente de que tal comportamento humano decorre, em parte, de um desejo de dar sentido aos processos fortuitos. Simplificando, receber más notícias ativa o desejo de dar sentido e, por sua vez, ativar esse desejo aumenta a tendência de não gostar dos portadores de más notícias.

Na atual agitação em torno da guerra na Ucrânia, o presidente francês, Emmanuel Macron, e o secretário dos Negócios Estrangeiros do Reino Unido, David Cameron, enquadram-se na descrição de mensageiros com motivos malévolos – Macron continua a repetir sua ideia favorita de combate por parte de países europeus na Ucrânia e Cameron defende a escalada da violência o teatro de guerra para o território russo.

Moscou não gosta de ambos por serem portadores de más notícias. Mas se fossem necessárias mais provas, o conselheiro de segurança nacional dos EUA, Jake Sullivan, apresentou o “quadro geral” no FT Weekend Festival, em Washington, no

sábado passado, quando expressou a esperança de que Kiev tivesse a capacidade de “manter a linha” ao longo de este ano e espera que os militares ucranianos montem uma nova contraofensiva em 2025.

Sullivan não descartará “avanços russos no próximo período” no campo de batalha, porque “não é possível acionar o interruptor instantaneamente”, mas insistiu que a Ucrânia pretende “avançar para recapturar o território que os russos lhe tomaram”.

O [FT acrescentou](#) uma pequena advertência: “Seus comentários [de Sullivan] sobre uma potencial contraofensiva da Ucrânia representam a articulação mais clara da Casa Branca de como ela vê a evolução do conflito se o presidente Joe Biden for reeleito em novembro”. Agora, do jeito que as coisas estão, isso é um grande “se”, não é?

Entretanto, a *Bloomberg* informou em 3 de maio que os EUA “estão liderando conversações entre as nações do G7 para desenvolver um pacote de ajuda militar à Ucrânia no valor de até 50 bilhões de dólares, que seria “financiado pelos lucros gerados pelos juros acumulados sobre ativos russos congelados”.

Os EUA calculam que os ativos russos estimados em cerca de 400 bilhões de dólares, incluindo ativos de oligarcas, predominantemente detidos pelos países da UE, irão gerar lucros inesperados anualmente, o que permitiria o reembolso à medida em que os aliados ocidentais fornecessem financiamento de ajuda adicional à Ucrânia.

O Congresso dos EUA aprovou no mês passado uma legislação conhecida como [Lei REPO](#) que permitiria à administração confiscar ativos russos detidos em bancos americanos e canalizá-los para a Ucrânia. Moscou alertou repetidamente que poderia diminuir o nível das relações diplomáticas com os EUA se Washington confiscasse bens russos.

Tendo em conta todos estes movimentos ocidentais hostis, o próximo exercício militar russo realizado para praticar o uso de armas nucleares não estratégicas é tudo menos uma reação instintiva a algumas observações inflamatórias de Macron e Cameron.

O embaixador russo nos EUA, Anatoly Antonov, classificou a atividade de treinamento como “uma medida forçada em resposta à política arrogante e agressiva do 'Ocidente coletivo'... os estrategistas desequilibrados em Washington e seus satélites na Europa devem compreender que na escalada dos riscos que eles estão estimulando, a Rússia utilizará todos os meios para proteger sua soberania e integridade territorial. O Ocidente não poderá jogar um jogo de escalada unilateral.”

A declaração do [Ministério das Relações Exteriores da Rússia](#), de 6 de maio, a esse respeito, concentrou-se na intenção dos EUA de infligir uma “derrota estratégica” à Rússia e anunciou uma resposta apropriada em termos de intensificação da atualização e fabricação de mísseis de alcance intermediário e curto e da extinção da “moratória unilateral” de Moscou sobre a implantação destes sistemas de

armas, bem como a futura implantação destes sistemas de armas “a nosso critério”. A declaração considerou a transferência do F-16 para a Ucrânia como uma provocação deliberada, visto que se trata de uma aeronave de “capacidade dupla” que pode transportar armas convencionais e nucleares.

Salientou que Moscou tomou “nota especial dos modelos de mísseis ATACMS fabricados nos EUA, que foram recentemente enviados para a Ucrânia e são capazes de atingir alvos dentro da Rússia”.

A declaração concluiu que o próximo exercício de treinamento transmitirá “um sinal preocupante” – aos EUA e seus aliados – de que seus movimentos hostis estão “empurrando a situação cada vez mais para perto do ponto de virada explosivo”.

O cerne da questão é que os EUA e seus parceiros do G7 estão em pânico. Falta-lhes convicção sobre a capacidade da Ucrânia para perturbar o ímpeto de uma grande ofensiva russa amplamente esperada no verão. Existe até um pressentimento sombrio de que os militares ucranianos poderão simplesmente fazer as malas nos próximos meses.

O ministro da Defesa, Sergey Shoigu (*nota do tradutor: demitido depois que este artigo foi escrito*), disse na semana passada que as forças russas estão no controle total da situação do campo de batalha e avançando constantemente ao longo da linha de frente. Na estimativa de Shoigu, as perdas militares de Kiev foram de 111 mil durante os primeiros quatro meses deste ano.

Na realidade, portanto, os fatos no terreno sugerem que as observações de Macron e Cameron caem mais no domínio da hipérbole de dois governos sitiados que encaram a derrota iminente da sua política para a Ucrânia.

Em uma constatação da realidade, o proeminente analista militar suíço, [coronel Alexandre Vautravers](#), que também é vice-chefe do Estado-Maior do Estado-Maior Estratégico-Militar das Forças Armadas Suíças e editor-chefe da prestigiosa *Swiss Military Review* (RMS+), colocou as coisas em perspectiva ao falar em um canal de televisão francês: “A questão deve ser colocada: o exército francês está suficientemente equipado em termos de treinamento e com armas modernas para contribuir para operações ofensivas contra um inimigo superior?”

“As forças que poderíamos movimentar são duas brigadas de 5.000 a 6.000 soldados, com uma duração de destacamento de um a 3 meses, no máximo. Mas se falamos de um prazo mais longo, como obviamente no caso da Ucrânia, são apenas dois batalhões, que hoje estão nos países bálticos e na Romênia. A má notícia é que estas forças são absolutamente insuficientes para enfrentar um exército russo de meio milhão de homens.”

Será que Moscou já não sabe o que o coronel suíço revelou com brutal franqueza? Quanto a Cameron, sua observação atipicamente beligerante sobre levar a guerra para a Rússia foi aparentemente um golpe publicitário coreografado pela 10 Downing Street, pelo Foreign Office e pela *Reuters* no período que antecedeu a cerimônia de posse de Putin no Kremlin, em 7 de maio, e mesmo quando chegavam os [resultados das eleições locais na Grã-Bretanha](#), que representaram uma derrota

histórica para o Partido Conservador que, com eleições gerais iminentes, está sendo visto através de um prisma nacional.

Depois que a porta-voz do Ministério das Relações Exteriores em Moscou, Maria Zakharova, disse à *Tass* que a [Rússia tem o direito de atacar instalações britânicas](#) na Ucrânia ou em outro lugar se as ameaças de Londres sobre ataques ucranianos com armas britânicas em território russo se materializarem, o [HMG reagiu](#) expulsando o adido de defesa russo, impondo novas restrições aos vistos diplomáticos para a Rússia e removendo o *status* diplomático de algumas propriedades russas!

Mas o ministro do Interior, James Cleverly, anunciou no parlamento que o Reino Unido procurou “garantir que protegemos nossa capacidade de manter linhas de comunicação com a Rússia mesmo durante estes tempos mais desafiantes, rotas para desescalada, evitar enganos e erros de cálculo são realmente importantes.” Que retirada humilhante!

Prenunciando a maré no campo de batalha na Ucrânia, onde Moscou está concentrada, o Ministério da Defesa russo [anunciou](#) na quarta-feira ganhos militares na região de Kharkov.

A *RT* comentou que “o desenvolvimento aparentemente sinaliza uma intensificação do combate no eixo Kharkov, onde a linha da frente ... permaneceu praticamente estática durante meses”. A contagem regressiva final para a ofensiva de verão da Rússia parece ter começado.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
